



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

EDITORIAL

Um 13 de maio radicalmente diferente

O Santuário de Fátima é conhecido pelas multidões que acorrem a este lugar nas grandes peregrinações internacionais que assinalam as aparições de Nossa Senhora, nos dias 12 e 13 de maio a outubro, mas é sobretudo a peregrinação de maio que mais marca o nosso imaginário de Fátima. Este ano, porém, a vivência do dia 12 e 13 de maio é radicalmente diferente.

Pe. Carlos Cabecinhas

Depois da primeira aparição de Nossa Senhora, na Cova da Iria, imediatamente no mês seguinte, acorreram pessoas, movidas pela curiosidade e pela fé, para presenciarem os acontecimentos que, entretanto, se tinham difundido. Este grupo foi crescendo cada vez mais, até formar uma enorme multidão no dia 13 de outubro. E desde então, nunca mais cessaram as multidões em Fátima.

Foi nos dias 12 e 13 de maio que Fátima viveu os momentos mais intensos, nomeadamente as visitas dos Papas. Foi no dia 13 de maio do ano 2000 que o Papa S. João Paulo II beatificou os videntes Francisco e Jacinta e anunciou a revelação da terceira parte do segredo de Fátima. Foi no dia 13 de maio de 2017, no centenário da primeira aparição de Nossa Senhora, diante de uma numerosa multidão, que o Papa Francisco canonizou os santos Francisco e Jacinta Marto.

Ao longo de um século, a grande peregrinação de maio tornou-se a mais expressiva de Fátima. E nesta peregrinação, a procissão das velas e a procissão do adeus tornaram-se dois dos momentos mais icônicos de Fátima. O mar de luz da noite do dia 12 e os milhares de lenços brancos no adeus comovido dos peregrinos que partem não deixam ninguém indiferente...

Este ano, porém, pela primeira vez, na sua história centenária, não é a multidão de peregrinos que marca a vivência e a celebração do dia 13 de maio. É o despojamento, a ausência física dos peregrinos, que são a grande razão de ser do Santuário. Pela primeira vez, o que marca é o recinto de oração vazio de pessoas, «mas não deserto», como referiu o Cardeal D. António Marto, porque os peregrinos, embora fisicamente ausentes, estão «espiritualmente unidos como Igreja com Maria». Este ano, a imagem que ficará na retina e na memória, será a do Santuário vazio, mas repleto da oração de milhares de peregrinos de todo o mundo.

Este é um momento doloroso para o Santuário, que existe para acolher os peregrinos, mas é igualmente doloroso para tantos peregrinos que gostariam de poder acorrer a Fátima com a confiança de filhos, que apresentam as suas dores e dificuldades à Mãe e pedem o seu auxílio.

Este é, no entanto, também um momento de esperança, pois acreditamos que a promessa de Nossa Senhora a Lúcia vale também para nós: «Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus». Rezemos à Senhora do Coração Imaculado – Nossa Senhora do Rosário de Fátima – pedindo também a intercessão dos Santos Pastorinhos, para que possamos voltar a reunir-nos, em breve, para rezarmos juntos, neste Santuário, por nós e pela humanidade inteira.

Silenciosamente presentes



Nunca o vazio foi tão preenchido em Fátima. Em cada espaço do Santuário, a multidão de peregrinos, embora ausente é a mais lembrada.

Carmo Rodeia

Se é certo, como diz a literatura que a “história relata o que aconteceu” não é menos verdadeira a conclusão que o poeta tira de que o silêncio narra o que acontece. Este ano a peregrinação internacional aniversária de maio ficará marcada pela ausência física da habitual multidão silenciosa que desde o acontecimento fundante tem acorrido à Cova da Iria com os corações de mãos postas, ano após ano.

Razões sanitárias, decorrentes da pandemia provocada pela COVID-19, levaram o Santuário a tomar a decisão mais difícil da sua existência: pedir aos peregrinos para não se deslocarem até Fátima e fazerem a sua peregrinação com o coração em suas casas, seguindo as celebrações de Fátima através dos meios de comunicação social e digital.

Cento e três anos depois de a Virgem se ter feito presente a três crianças humildes pode olhar-se para Fátima de muitos modos, mas há um que reunirá consenso: Fátima não é Fátima sem peregrinos. Desde maio de 1917. E celebrar assim um dos momentos mais importantes do quotidiano do Santuário, que é o dia 13 de maio, data que evoca a primeira aparição, é certamente um dos momentos mais insólitos da vida deste lugar. Quem sabe mesmo um dos mais dolorosos. O silêncio que nestes dois dias percorre o Santuário é, ao contrário do habitual silêncio orante, um silêncio esmagador, diferente daquele que cerca de meio milhão de peregrinos

experimentou, em maio de 1982, quando rezou durante largos minutos de joelhos, com São João Paulo II, diante da imagem da Senhora do Rosário, ou daquele outro experimentado depois de uma euforia ensurdecadora quando durante oito minutos rezou a Salve-Rainha com o Papa Francisco, em maio de 2017. Neste 12 e 13 maio, o fenómeno repete-se sem que o silêncio seja a suspensão do ruído mas uma forma de resistência.

O Jornal Voz da Fátima, no seu primeiro número, em 1922, lembrou para a posteridade que nos primeiros seis meses do acontecimento de Fátima a “concorrência de devotos e curiosos foi aumentando consideravelmente de mês para mês”, de 30 mil em setembro para 70 mil em outubro.

Em 1942, ano em que o Papa Pio XII se dirigiu aos peregrinos de Fátima através de uma rádio mensagem, a Voz da Fátima falava de maio como uma “jornada heroica de sacrifício que, por frios e chuvas e enormes distâncias percorridas a pé, concentrou na Fátima, a orar, a agradecer, a desagravar centenas de milhares de peregrinos”.

Por altura do cinquentenário, Fátima recebeu pela primeira vez a visita de um Papa e o jornal do Santuário falava de “mais de um milhão de peregrinos vindos de todo o mundo, mas sobretudo de Portugal inteiro que ali ajoelharam sofreram e rezaram”, com um Papa que trazia duas preocupações na bagagem de

peregrino: a Igreja e a Paz.

Em 1982, ano da primeira visita de João Paulo II, sublinha-se o “banho de multidão, que éramos todos nós 10 milhões de portugueses”, “6 cardeais, 54 bispos, mil sacerdotes” e “várias centenas de milhares de peregrinos”. Em 1991, na segunda visita de João Paulo II, muito mais mediaticizada que a primeira, o jornal sublinha a dimensão da cobertura mediática: duas salas de imprensa para 800 profissionais, onde funcionavam 35 telefones, 15 faxes e 5 telexes”.

Os números avolumar-se-iam em 2000, por ocasião da beatificação de Francisco e Jacinta Marto. “150 mil carros trouxeram a Fátima mais de 650 mil pessoas”, noticiou o jornal. Com Bento XVI, em 2010, não foi diferente. 2017, ano do centenário e da canonização dos Santos Francisco e Jacinta, bateu todos os recordes: meio milhão de peregrinos no recinto e 30 milhões de peregrinos virtuais, espalhados pelo mundo através das redes sociais.

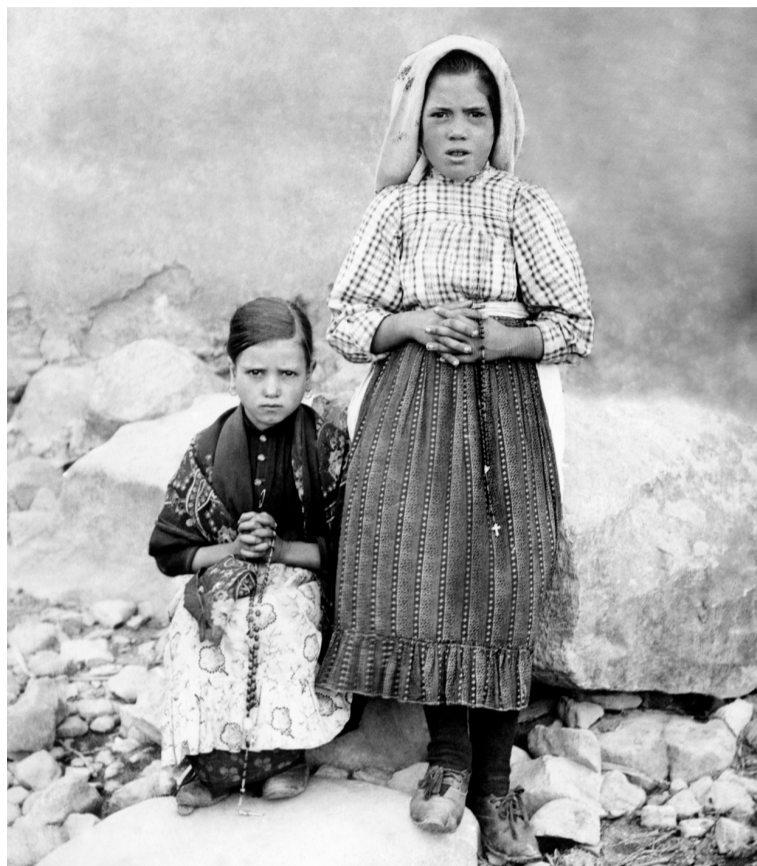
Hoje é por aqui que o Santuário propõe a peregrinação: sentados diante de um televisor todos os peregrinos de Fátima, nacionais e internacionais, podem participar no Terço, às 21h30, na Procissão das Velas e numa celebração da palavra no Altar do Recinto. Dia 13, além do Terço, a Missa decorrerá na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com a bênção dos doentes e a Procissão do Adeus. Nunca alguma coisa, na Cova da Iria, foi tão igualmente diferente.

“Quem me dera ver o Santo Padre”

Desde as aparições que Fátima é marcada pela presença do Papa.

A figura do “Bispo vestido de branco” atravessa não só a mensagem como o quotidiano do Santuário, que se ergueu a partir de 1917.

Carmo Rodeia



As duas videntes de Fátima cúmplices na obediência ao pedido de oração feito pela Virgem.

“Quem me dera ver o Santo Padre! Vem cá tanta gente e o Santo Padre nunca cá vem [...] Na sua inocência de criança, (a Jacinta) julgava que o Santo Padre podia fazer esta viagem como as outras pessoas”, comentava Lúcia na sua Primeira Memória, refletindo sobre o desejo da prima. Mas seria ela própria a expressar mais tarde esta reiterada satisfação quando o pároco de Fátima lhe disse que provavelmente teria de ir a Roma para ser interrogada pelo Papa a propósito das Aparições.

“Que bom se vou ver o Santo Padre!”, exclamou então.

As palavras da pequena Jacinta, depois de rezar três avé-marias pelo Santo Padre, ou as de Lúcia, quando interrogada pelo prior de Fátima, dizem muito mais do que um simples desejo de visita: a ligação entre Fátima e os Papas é evidente desde a primeira hora. E ganhou uma maior visibilidade com as viagens pontifícias iniciadas por Paulo VI, justamente no

cinquentenário das Aparições de Fátima, em maio de 1967.

Se já antes as ligações e as referências a Fátima eram uma constante nas palavras dos Sumos Pontífices, desde Pio XI, as visitas dos Papas a Fátima, como peregrinos haveriam de projetar este lugar na sua universalidade.

“Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não têm nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?”.

As palavras de Jacinta, junto à Loca do Cabeço, recordadas pela sua prima Lúcia na Terceira Memória evidenciam bem o apego da mais jovem santa da Igreja, não mártir, pela figura do Santo Padre, por quem rezava sempre. Estas palavras antecipariam em jeito de pórtico aquelas que foram as maiores peregrinações humanas que Fátima alguma vez

experimentou na sua história de pouco mais de cem anos, com Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Tal como os videntes, também as multidões de peregrinos haveriam de se mobilizar durante cada uma das visitas papais, enchendo por completo o Recinto de Oração.

Nenhuma das duas peregrinou a Roma, mas Lúcia conseguiu ainda concretizar o desejo da prima, participando em Fátima nas peregrinações que, pelo menos, dois pontífices realizaram à Cova da Iria. Lúcia recebeu no Carmelo de Coimbra dois futuros papas e no seu silêncio há de ter repetido aquela oração que ambas, juntamente com Francisco, tantas vezes rezaram durante os meses das Aparições: “Ó meu Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”.

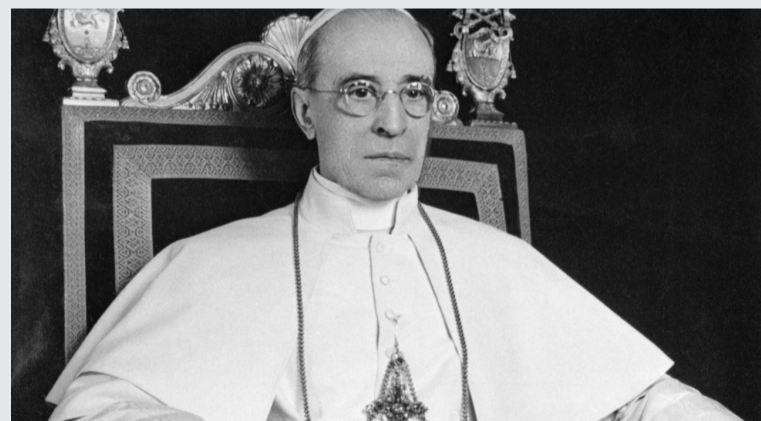
Acresce a este desejo de visita uma íntima ligação entre o acontecimento de Fátima e o sucessor da cadeira de Pedro quando, 27 anos depois, pela sua mão a religiosa carmelita, Irmã Lúcia de Jesus, no escrito que redige a 3 de janeiro de 1944, firma a terceira parte do Segredo de Fátima: “Vimos n’uma luz emensa que é Deus: algo semelhante a como se vêem as pessoas num espelho quando lhe passam por diante um Bispo vestido de branco; tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre. Vários outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas a subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca: o Santo Padre antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho: chegando ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas”.



Pio XI

A 9 de janeiro de 1929, dia em que Pio XI recebeu em audiência os alunos do Pontifício Colégio Português de Roma, 12 anos depois das aparições na Cova da Iria, ainda antes de estas terem sido proclamadas “dignas de crédito”, o Papa leu em português a invocação de uma pagela (“Madre Clementíssima – Salvai Portugal”), referindo ter recebido as estampas naquele mesmo dia, vindas de Portugal. As estampas, com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, tinham sido impressas pelo Apostolado da Oração e exibiam o *imprimatur* do bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, datado de 17 de maio de 1926. Ainda em 1929, em 6 de dezembro, o Papa Pio XI benzeu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima destinada àquele Colégio. A imagem, assinala-se, tinha sido esculpida pelo mesmo autor daquela que se encontra na Capelinha das Aparições, José Ferreira Thedim.

Em 1 de outubro de 1930, o Papa Pio XI concede indulgências plenárias aos peregrinos de Nossa Senhora de Fátima.



Pio XII

A primeira posição oficial pública do Vaticano sobre Fátima aconteceu com Pio XII, a 31 de outubro de 1942, 25 anos depois das Aparições. Nessa data, em plena II Guerra Mundial, o Papa consagra o mundo ao Imaculado Coração de Maria, acedendo aos pedidos de Nossa Senhora transmitidos aos três Pastorinhos de Fátima.

Quatro anos depois, em 13 de maio de 1946, envia o cardeal Aloisi Masella a Fátima para coroar a imagem de Nossa Senhora. Nessas duas ocasiões, Pio XII dirige mensagens, através da rádio, em português, aos peregrinos que acorreram à “montanha santa de Fátima” para depositarem aos pés da Virgem Padroeira “o tributo filial” do seu amor.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

Os Papas e Fátima

Embora nem todos os Papas se tenham deslocado a Fátima, manifestaram sempre uma relação íntima com este lugar.



João XXIII

João XXIII visita Fátima, ainda enquanto Patriarca de Veneza, antes de suceder a Pio XII, em 13 de maio de 1956, agradecendo, mais tarde, à Virgem o convite para o que designou de “festim de misericórdia e de amor”. Após a sua morte, o bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, em junho de 1963, solicitou ao Vaticano uma “reliquia-recordação” do Sumo Pontífice que convocou o Concílio Vaticano II. A Secretaria de Estado do Vaticano acedeu ao pedido e enviou, em 6 de julho, a cruz peitoral de João XXIII.



Paulo VI

O primeiro Papa a visitar Fátima foi Paulo VI, em 13 de maio de 1967, para assinalar os 50 anos das Aparições de Fátima e, simultaneamente, o 25.º aniversário da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

Paulo VI veio, como “peregrino humilde e confiante”, apenas a Fátima.

Na visita, a que se associaram em Fátima o Presidente da República, Almirante Américo Tomás, e o Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, foi possível ver em público, pela primeira vez desde a sua entrada na clausura do Carmelo de Coimbra, a Irmã Lúcia de Jesus.

João Paulo I

Dos 33 dias de papado de João Paulo I não há registo de qualquer posição relativamente a Fátima, mas enquanto Patriarca de Veneza, o cardeal Albino Luciani estivera em Fátima em 10 de julho de 1977, cerca de um ano antes de ter sido eleito Papa (26 de agosto de 1978), presidindo a uma peregrinação de cerca de 50 italianos da região veneziana.

Segundo o relato do jornal Voz da Fátima, o cardeal recordou a presença anterior de João XXIII em Fátima, também enquanto Patriarca de Veneza, e, na breve saudação aos peregrinos, apelou ao cumprimento da mensagem de Fátima – penitência e oração, especialmente a recitação do terço – e à observância do Evangelho.

No dia seguinte, o futuro João Paulo I teve um encontro no Carmelo de Coimbra com a Irmã Lúcia.



João Paulo II

É com João Paulo II, em 1981, que se desenvolvem e intensificam as relações de proximidade com Fátima. Logo depois do atentado de que foi vítima, na Praça de S. Pedro, em Roma, em 13 de maio de 1981, o Papa atribuiu à proteção da Virgem de Fátima o facto de ter sobrevivido aos tiros disparados pelo turco Ali Agca. Um ano depois, desloca-se a Portugal, tendo Fátima como destino principal da visita, com o objetivo, segundo as suas palavras, de “agradecer à Divina Providência neste lugar que a mãe de Deus parece ter escolhido de modo tão particular”.

Em 1984, João Paulo II ofereceu ao Santuário de Fátima a bala que o atingiu no abdómen no atentado de Roma, projétil que em 1989 foi incrustado na coroa preciosa da imagem de Nossa Senhora.

A segunda viagem do Papa polaco a Portugal, em 1991, incluiu a participação na Vigília de Oração, em 12 de maio, e a celebração da Eucaristia no dia seguinte.

Na homilia, sublinhou a importância da mensagem de Fátima para os tempos de hoje, caracterizando-a como uma espécie de eco das palavras de Jesus a Sua Mãe, no Gólgota, quando lhe entregou o discípulo amado: “Aqui Ela teve de os acolher a todos. Todos nós, homens deste século e da sua difícil e dramática história”.

A terceira e última deslocação de João Paulo II, já com a saúde debilitada, ocorreu em 13 de maio de 2000, com o objetivo de presidir à celebração da beatificação de Francisco e Jacinta Marto.



Bento XVI

Quando Bento XVI visitou o Santuário de Fátima, em 12 de maio de 2010, para assinalar o décimo aniversário da beatificação de Francisco e Jacinta Marto, o recinto não lhe era de todo desconhecido e muito menos o conteúdo da mensagem de Fátima. Já tinha estado em Fátima, como cardeal Joseph Ratzinger, a presidir às celebrações de 13 de outubro de 1996, mas a sua ligação é anterior: como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, tinha estudado as Aparições e a mensagem de Nossa Senhora.

Na noite de 12 de maio de 2010, Bento XVI esteve presente na Cova da Iria na bênção das velas e na oração do Santo Rosário e presidiu à Eucaristia do dia 13, durante a qual sublinhou que o exemplo de vida de Lúcia, Francisco e Jacinta “irradiou e se multiplicou em grupos sem conta” por todo o mundo.



Francisco

Francisco foi o quarto Papa a visitar Fátima; fê-lo durante o Centenário das Aparições, por ocasião da canonização de dois dos protagonistas da história de Fátima, mas a sua ligação ao local das Aparições começou, desde logo, no simbolismo do dia da sua eleição, em março de 2013: o dia 13, associado às Aparições. Uma ligação que se torna mais efetiva e visível dois meses depois, quando os bispos portugueses, a seu pedido, consagram o seu pontificado a Nossa Senhora, durante as celebrações de 13 de maio de 2013. E, logo a seguir, em outubro (mês fortemente ligado a Fátima), igualmente a seu pedido, a Imagem de Nossa Senhora que se venera na Capelinha das Aparições esteve em Roma para o encerramento da Jornada Mariana promovida no âmbito da celebração do Ano da Fé.

O desejo de ir a Fátima foi transmitido aos bispos portugueses a 7 de setembro de 2016, durante a visita.

A chegada de Francisco ao Santuário de Fátima, no dia 12 de maio, foi um dos momentos mais marcantes da história da Cova da Iria. Durante oito minutos, num silêncio orante esmagador, rezou diante da imagem que se venera na Capelinha: “Salve, Mãe do Senhor, Virgem Maria, Rainha do Rosário de Fátima! Bendita entre todas as mulheres, és a imagem da Igreja vestida da luz pascal, és a honra do nosso povo, és o triunfo sobre a marca do mal”.

“Fátima vai ter um papel essencial para reerguer Portugal”

Alexandre Marto é gestor hoteleiro, desempenhou vários cargos em instituições públicas de promoção e desenvolvimento turístico e é o entrevistado do PODCAST #fatimanoseculoXXI, de maio.

Carmo Rodeia

Fátima está no coração das pessoas e, no caso de Portugal, entranhada no ADN do povo português, mas o Santuário só se diz com peregrinos. Por isso, assinalar maio com o Santuário vazio “é triste e doloroso”, afirmou ao PODCAST #fatimanoseculoXXI Alexandre Marto, gestor hoteleiro da marca Fatima Hotels, mesmo no coração da Cova da Iria.

Numa leitura crente da atualidade, quase dois meses depois de a cidade de Fátima ter praticamente paralisado a sua atividade principal, na sequência da suspensão das celebrações religiosas comunitárias com presença de fiéis, decretada pela Igreja Portuguesa, desde o dia 14 de março, o gestor lembra que a “situação é insustentável” do ponto de vista económico, mas “sobretudo no sentido espiritual.”

“Há milhões de pessoas que nos contactam. Vivemos quase numa situação de prisão ao contrário: as pessoas querem vir e não podem”, refere com a voz conformada.

“O Santuário de Fátima e a Igreja, em geral, estão a ter uma atitude corretíssima, fechando-se um pouco e encontrando novas formas de comunicar para se manterem próximos dos seus peregrinos, através dos meios digitais. Este é o único caminho e terá muita força para manter a ligação, mas terá de recomeçar a fazer o que sempre fez”, isto é, a “receber, a acolher peregrinos”.

“Um santuário sem peregrinos não faz sentido, sobretudo em Fátima: é inevitável abri-lo até para dar este alimento às pessoas”, refere ao sublinhar a coincidência entre o início do Santuário, a doença e a morte de Santa Jacinta e os dias de hoje.

“Hoje vemos o hospital D. Estefânia, onde esteve internada a pequena Jacinta, sozinha, em 1920. Vemos, dizia, o Hospital a ser notícia por acolher doentes num contexto que nos faz recuar cem anos. Apesar de a humanidade ter avançado, de ter tido várias revoluções tecnológicas, no essencial, continua a ser a mesma humanidade: a ter sede, a ter anseios, e entre eles está a necessidade de termos lugares onde possamos encontrar resposta para estes anseios, lugares como Fátima. Precisamos de Fátima”, conclui.

Num contexto particularmente difícil para todos, Alexandre Marto recorda, por contraste com a atualidade, a grande festa nacional, e no Santuário em particular, que foram as visitas dos Papas à Cova da Iria, justamente nos meses de maio.

“Foram momentos extraordinários para Fátima e para o país. Mais do que um momento de oração ou de fé,

que se sente sempre em Fátima, o que recordo é a festa, a alegria e o sentimento de paz”, refere ao destacar que estes “são os dois grandes pilares da interpretação da mensagem de Fátima”, depois desta pandemia.

“Fátima continua a ser no coração das pessoas uma referência e, portanto, julgo que as pessoas vão regressar a Fátima, vão voltar a dormir em Fátima e creio mesmo que Fátima será uma peça fundamental para o crescimento do turismo em Portugal”, afirma.

“Este núcleo, no centro do país é muito forte; à volta de Fátima existem coisas muito importantes, mas não há nada que supere Fátima. Falamos de uma diferença de centenas de milhares de visitas para milhões e, por isso, sem Fátima e sem o Santuário o turismo no centro não seria o mesmo”.

“Não sou daqueles que acha que o mundo vai sofrer imenso – vai mudar com certeza –, mas os sonhos, as ambições das pessoas, a sua vontade não mudará estruturalmente... a natureza humana é o que é”, assinala.

“Esta paragem será apenas mais uma lição. Um dia será feito o balanço histórico de tudo o que está a acontecer e a ser decidido pelo governo, pelas famílias, pelas empresas, mas a natureza humana será a mesma: as pessoas vão querer viajar, vão querer rezar, vão querer ir a lugares sagrados e ver novas coisas. Isto é verdade para os portugueses e para qualquer ser humano”, afirma Alexandre Marto.

“Por conseguinte, Fátima dentro deste enquadramento da curiosidade, da fé e dentro da sua singularidade é um ativo muito importante para o turismo nacional e internacional. Já era e vai continuar a ser”, sublinha ainda.

“Fátima vai ter um papel essencial para reerguer Portugal. Diria até que Fátima mais do que um lugar de cura vai ser um lugar de agradecimento”.

“Numa primeira fase veremos um crescimento dos números do turismo no sentido técnico do excursionismo, isto é, as pessoas visitarão Fátima, mas regressarão a casa no mesmo dia e não pernoitarão em Fátima”.

“O impacto financeiro desta crise nos rendimentos familiares; o receio das pessoas em ficar fora de casa, até por motivos sanitários, e o facto de haver constrangimentos à mobilidade por parte dos grupos internacionais, que eram o grosso dos peregrinos que pernoitavam em Fátima, pode comprometer a recuperação imediata, mas penso que daqui a dois anos haverá uma nova normalidade e os menos afetados vão voltar a ser turistas e virão a Fátima”, esclarece.

“Fátima vai recuperar os milhões a

que nos tem habituado, embora não vá ser uma coisa imediata”, afirma.

Fátima é um “fenômeno espiritual e de fé”. “Se há alguma coisa boa em tudo isto é que, neste momento, há milhões de pessoas que tiveram de fazer uma pausa nas suas vidas e foram obrigadas a pensar. Não sendo um otimista em relação ao que se passa no mundo”, que do ponto de vista económico será “aterrador”, esta crise “recentra-nos” numa questão sobre “o que andamos cá a fazer e qual o sentido de tudo isto”, diz Alexandre Marto.

“Essas duas reflexões vão desembocar numa resposta espiritual que a ciência nunca conseguiu dar e Fátima será essa resposta e creio que muitos, ainda que não sejam católicos, até virão a Fátima em busca dessa resposta”.

Quanto ao papel do Santuário “é o fundamental, e o que está à volta é perfeitamente acessório. Este é o momento histórico em que as pessoas, os estados, as instituições terão de escolher o caminho futuro”, refere.

“Estamos a viver uma guerra contra o inimigo comum que é uma doença. Não sei o que virá a acontecer, mas temos uma oportunidade única de, pela primeira vez, colocarmos todos a cooperarem, e eu não vejo outro caminho, embora tema, pelos sinais políticos que nos são dados, que isso possa não acontecer. Tenho medo de que os equilíbrios políticos se possam desenvolver no sentido errado havendo o risco de um desmoronamento da ordem política e social mundial tal como a conhecemos”, afirma.

A Igreja “tem um papel essencial na moderação e controle dessas tendências, contrabalançando-as com uma visão universalista e, mais uma vez, para a Igreja Católica, Fátima é o principal altifalante, não só no país, mas em todo o mundo e tem um papel fundamental para contrabalançar estas visões”, afirmou ainda.

O PODCAST #fatimanoseculoXXI por ser ouvido em www.fatima.pt/podcast.

#FÁTIMA

NO SÉCULO XXI

Alexandre Marto

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“Fátima continua a ser no coração das pessoas uma referência e, portanto, julgo que as pessoas vão regressar a Fátima, vão voltar a dormir em Fátima e creio mesmo que Fátima será uma peça fundamental para o crescimento do turismo em Portugal.”

“Fátima mais do que um lugar de cura vai ser um lugar de agradecimento.”



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

José Ferreira Lacerda (sacerdote)



De entre os que primeiro interrogaram Lúcia, Francisco e Jacinta, no decorrer das Aparições, está um sacerdote que foi jornalista e militar voluntário nos campos de batalha da I Grande Guerra Mundial. José Ferreira Lacerda, um padre leiriense empenhado em causas sociais e na restauração da diocese de Leiria, veio a Fátima e Aljustrel, a 19 de outubro de 1917, falar com os Videntes, para publicar, uma semana depois, no jornal diocesano, aquela que viria a ser a primeira entrevista aos Pastorinhos.

Diogo Carvalho Alves

José Ferreira Lacerda nasceu em abril de 1881, em Monte Real, Leiria. Depois de completar o seminário e a preparação teológica, foi ordenado presbítero, em 1905, na Sé de Coimbra, diocese à qual pertencia então Leiria.

Foi a causa da restauração da diocese que o levou às lides do jornalismo, nas quais fundou o semanário diocesano “O Mensageiro”, em 1913.

Antes, conquistara o reconhecimento dos fiéis das inúmeras paróquias por onde passou. Homem de personalidade forte, chegou inclusivamente a ser eleito vereador municipal em

Leiria.

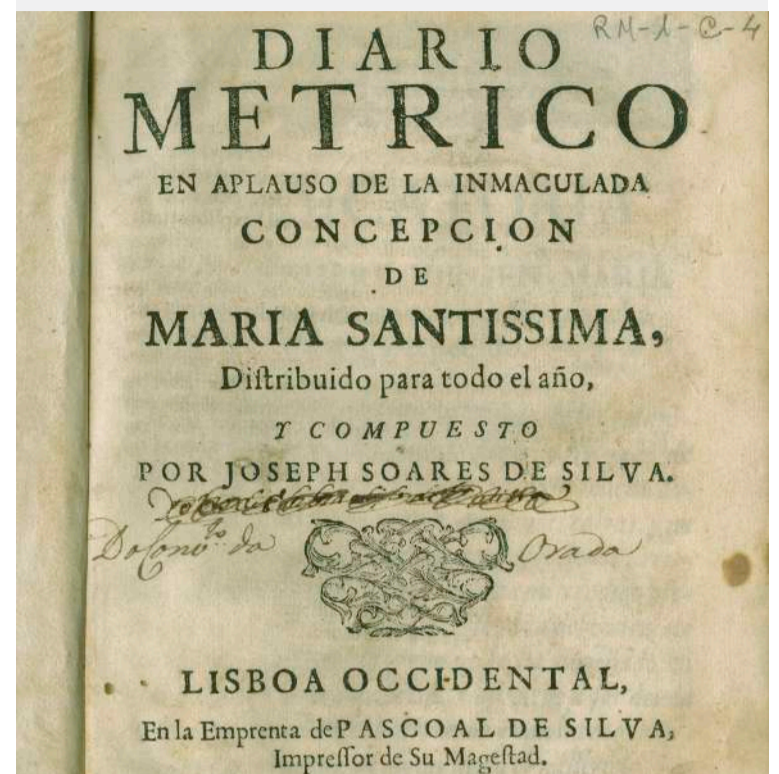
Mas foi o jornalismo que o ligou a Fátima e o trouxe a Aljustrel, a 19 de outubro de 1917, para interrogar as crianças que afirmavam ter visto Nossa Senhora e para contactar com o pároco local e eventuais testemunhas.

Documentado quanto a situações análogas, como as ocorridas em Loreto, Lourdes ou Paray-le-Monial, o sacerdote elaborou um rol de 36 questões, tendo em vista a aferição das experiências. Viria a publicar no semanário diocesano, que então dirigia, excertos comentados dos interrogatórios por si encetados

aos Videntes. Nesse mesmo dia, recolheu, junto do pároco de Fátima, padre Manuel Marques Ferreira, a única cópia conhecida das primeiras declarações a este prestadas pelos Pastorinhos, numa preciosa informação que pode ser consultada na Documentação Crítica de Fátima.

Com a restauração da Diocese de Leiria, em 1918, o padre Lacerda continuou com o empenho que o caracterizava numa intensa atividade pastoral, jornalística e cívica. Este protagonista de Fátima foi nomeado cônego honorário da Sé de Leiria em 1958, cidade onde faleceu em setembro de 1971.

A PEÇA DO MÊS



SILVA, José Soares da – *Diário métrico em aplauso de la Inmaculada Concepción de Maria Santíssima distribuido para todo el año [...]*. Lisboa Occidental: Emprenta de Pascoal da Silva, 1717.

Diário métrico

Poemário composto em língua castelhana por José Soares da Silva – cavaleiro professo da Ordem de Cristo, poeta erudito, autor das memórias históricas de D. João I e um dos primeiros académicos da Academia Real da História – e dado à estampa em 1717, “Diário métrico” apresenta um soneto para cada dia do ano, no total de 366. A cada soneto segue-se um breve comentário onde o autor explora a temática da Imaculada Conceição de Maria.

A Biblioteca do Santuário de Fátima possui um exemplar da obra, reencadernado, impresso nas oficinas de Pascoal da Silva, em Lisboa, que se apresenta em razoável estado de conservação. As marcas de posse indicam-nos que terá pertencido à livraria do Convento da Orada, junto a Monsaraz, fundação dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho. A peça possui ainda um ex-libris não identificado com a legenda “Rien sans amour”.

Serviço de Arquivo e Biblioteca
Departamento de Estudos

FÁTIMA AO PORMENOR

As multidões de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Constitui verdadeiro traço identitário de Fátima a multidão reunida nos dias das grandes peregrinações, como uma massa de pessoas disposta à volta do lugar das aparições que, não estando passados ainda 50 anos sobre o fenómeno, se moldou arquitetónica e urbanisticamente, a fim de poder albergar essas grandes assembleias de crenças na celebração da sua fé.

Ainda que com a fragilidade das fontes de informação, sabe-se que logo durante o ciclo das aparições, o número de 3, respeitante a maio, deu origem, sempre em ‘crescendo’, a 50 pessoas na aparição de junho, a 2 000 na aparição de julho, a 5 000 no mês de agosto, a 20 000 na aparição de setembro e a 50 000 na aparição de outubro (para esta, há fontes que apontam já o número de 100 000).

Daqui por diante, Fátima conheceu sempre um número de peregrinos invariavelmente medido na casa das



centenas de milhar. Mesmo que não se leve em consideração os números relativos às visitas papais, o exercício de contagem por décadas impressiona quando comparado com qualquer realidade do mundo globalizado como é o do século XX e XXI: década de 1920, 500 000 peregrinos (1928.05.13); década de 1930, 300 000 (1935.05.13); década de 1940, 500 000 (1950.05.13); década de 1950, 800 000 (1957.05.13); década de 1960, 800 000 (1962.05.13), 1 000 000 em 13 de maio de 1967, por ocasião da visita do papa Paulo VI; década de 1970, 500 000 (1977.05.13); década de 1980, 800 000 em 13 de maio de 1982, primeira visita do

papa João Paulo II; década de 1990, 500 000 (1992.05.13), o mesmo número em 13 de maio de 1991 e de 2000, segunda e terceira visitas de João Paulo II; 1.ª década do século XXI, 500 000 (2007.05.13), 400 000 em 13 de maio de 2010, visita do papa Bento XVI; 2.ª década do século XXI, 300 000 (2012.05.13), 500 000 em 13 de maio de 2017, visita do papa Francisco.

Só estas multidões podem mostrar o «mar de luz» e «cais da saudade» que Fátima representa nos dias solenes em que o recinto do Santuário é, verdadeiramente, mosaico de humanidade.



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

O senhor António vinha todos os anos a pé a Fátima. Foi ele quem mo disse, era eu lobo de 10 anos, à entrada de uma tenda montada num mato à beira da estrada, enquanto o meu chefe lhe lavava os pés cansados pelo caminhar. Os seus quase oitenta anos não incomodavam as pernas e ele teimava que era sozinho que queria continuar a fazer aquele trajeto do Porto a Fátima. «Enquanto Deus me der força», dizia. «Mas o senhor já não devia fazer isto sozinho», ralhava alguém, a adivinhar o que até eu, criança de 10 anos, sabia ser razoável. O que eu não sabia é

E quem disse que eu estou sozinho?

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

que um coração de quase oitenta anos tem certezas que alimentam a vida e ele respondeu: «E quem disse que eu estou sozinho?».

As rugas do senhor António ficaram-me gravadas num lugar íntimo, por entre certezas e inquietações. O que faz um homem cansado persistir em fazer-se sozinho à estrada era questão que me incomodava. E visitei as rugas do senhor António muitas vezes ao longo da minha vida, com um surpreendente misto de indignação e de admiração. Por um lado, porque se haviam de arrastar aqueles pés fatigados pelo asfalto da estrada perigosa em nome de uma gratidão ou de uma confiança? Por outro lado, quanta gratidão e quanta confiança não hão de correr nas veias de um homem para que os músculos persistam no passo, quando dói o corpo e a alma! E, entre as minhas inquietações medidas a

régua e esquadro, a resposta do senhor António a inquietar-me como quem pede para olhar para o essencial: «E quem disse que eu

“Para mim, as rugas de um homem de 80 anos foram tratado teológico a recordar-me que o essencial é uma relação que não se sabe dizer.”

estou sozinho?».

O senhor António passou a ser o meu peregrino. Mesmo quando Fátima era destino distante de uma peregrinação que eu não sabia fazer. Mesmo quando terá certamente deixado de caminhar anualmente em nome de uma gratidão e de uma confiança numa companhia certa. O senhor António passou a ser

o peregrino que eu não sabia se queria ser. Cresci a inquietar-me com os passos de um peregrino de 80 anos, a querer dizer-lhe que não era preciso, que ele podia descansar, que Deus não precisava daquele caminho suado e difícil, eu podia garantir-lhe (ser advogado de Deus é uma das minhas maiores tentações!). Mas cresci também a querer dizer-lhe que queria apenas crescer para ser como ele, com um coração grato e confiante que caminha quando as pernas já não obedecem completamente. Se ao menos eu soubesse o que significava aquela resposta: «E quem disse que eu estou sozinho?».

Para mim, as rugas de um homem de 80 anos foram tratado teológico a recordar-me que o essencial é uma relação que não se sabe dizer. Quando queremos explicar a fé numa equação, quando a reduzimos a um jogo

matemático, quando a simplificamos num ritual, num gesto, numa liturgia, não nos devemos esquecer que o essencial permanece para lá de tudo isso, numa pergunta-resposta que nem sabemos formular, mas talvez se diga assim: «E quem disse que eu estou sozinho?».

Este ano, os pés cansados não poderão rumar a Fátima. Este ano, o recinto da Cova da Iria, no dia 13 de maio, será em tudo semelhante àquele mesmo dia do ano de 1917, em que apenas 3 crianças intuíram que, como o meu peregrino de 80 anos, não estavam sozinhas. Mesmo se o olhar do recinto vazio nos desola e nos inquieta, se nos frustra ou nos revolta, se nos dói, talvez importe recordar que, por entre as nossas certezas e inquietações, ecoa uma palavra que toca o essencial: «E quem disse que eu estou sozinho?».



OPINIÃO

Laurinda Alves

Estávamos habituados a ir ao cinema e ao teatro pelos atores, a espetáculos pelos artistas, aos concertos para ouvir os músicos, ao bailado para ver os bailarinos, e por aí adiante. Estávamos habituados a entrar e sair de casa sempre que precisávamos, sem pensar muito nisso. Estávamos habituados a viajar, a ir e a voltar. E nós, crentes, estávamos habituados a ir a Fátima rezar, pedir e agradecer, celebrar sozinhos ou com outros peregrinos e visitantes. Estávamos todos habituados a estar em família e a receber familiares e amigos em casa. Estávamos habituados a visitar, a abraçar, a dar ombro e colo. Estávamos habituados a estender a mão e a segurar as mãos dos outros.

Estávamos, mas deixámos de estar e tivemos que nos desabituar para conseguirmos viver bem toda esta nova realidade.

Da noite para o dia o mundo fechou. Ou quase. Não parou,

Templos vazios ou templos cheios?

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

mas ficou muito mais quieto. E a quietude obriga-nos, exige-nos, impõe-nos um tempo novo. Um ciclo que inaugurámos com perplexidade e descrença, mas que foi tomando conta de nós e das nossas rotinas até se tornar natural. Ou quase.

Alguém chamou a esta existência a nova normalidade. Faz sentido, mas talvez faça ainda mais sentido ouvir o que nos diz o silêncio das ruas e avenidas, dos jardins e dos parques, mas também o silêncio das grandes praças e dos templos antigos.

O Papa celebrou sozinho na Praça de São Pedro, mas se virmos com atenção, nunca naquela praça coube tanta gente ao mesmo tempo. Fiéis de todo o mundo tiveram lugar sentado, este ano. Até aqui, cada cristão celebrava a sua Páscoa na sua paróquia, na sua igreja, em sua casa. Muitos ligavam a televisão para assistir às celebrações de Roma, é certo, mas não eram tantos como os que este ano se juntaram virtualmente ali, em direto.

Nesta Páscoa houve espaço para todos, em Roma. Todos nos sentimos na primeira fila, muito próximos do Papa. Todos o seguimos, todos o acompa-

nhámos, todos o vimos e ouvimos com renovada atenção. Diria mesmo com fé renovada.

Foi precisa uma pandemia para nos impedir de sair de casa, mas foi graças a esta pan-

“Alguém chamou a esta existência a nova normalidade. Faz sentido, mas talvez faça ainda mais sentido ouvir o que nos diz o silêncio...”

demia que Deus se fez ainda mais presente em muitas casas. De um dia para o outro surgiram incontáveis sites que nos ajudaram a rezar e acompanhar todas as celebrações de Quaresma e Páscoa, mas também nos permitem continuar a ir às Missas diárias e dominicais.

Centenas, milhares de pessoas passaram a assistir quotidianamente à Missa através do Youtube e impressiona a contagem destas mesmas pessoas (que fica visível em cada transmissão) pois muitas delas não conseguiriam sair de casa ou

dos empregos a horas de poderem participar numa Missa diária. Sabemos que antes da pandemia muitas igrejas estavam praticamente vazias aos dias de semana, mas agora o que vemos são capelas e templos cheios de fiéis. Parecem vazios, mas estão

que muitos ficaram impedidos de viver do seu trabalho, em que não podemos abraçar-nos quando morre um ente querido nem visitar os nossos doentes em casa ou nos hospitais, neste tempo em que nada é como era e pouco voltará a ser como já



a transbordar de gente.

Num tempo em que fomos forçados a prescindir da presença física dos que amamos, em

foi, fica a sensação de que muito nos foi tirado. E foi.

Mas também muito nos está a ser dado.

Celebrações pascais transmitem mensagem de esperança

Reitor do Santuário convida peregrinos virtuais a verem os sinais de Cristo mesmo nas dificuldades.

Carmo Rodeia



Na Semana Santa e na Páscoa o reitor do Santuário de Fátima deixou sempre uma palavra de esperança aos milhares de peregrinos virtuais que seguiram as diferentes celebrações do Santuário, que pela primeira vez na sua história não contaram com a participação física de fiéis.

Neste período difícil em todo o mundo, por causa da pandemia de Covid-19, em que durante o estado de contingência se suspenderam todas as celebrações comunitárias, o padre Carlos Cabecinhas, lembrou em todas as homilias que proferiu que, por mais difíceis que sejam as situa-

ções, Jesus nunca nos abandona. Celebrar a Páscoa “significa renovar o olhar, animado pela fé”, para reconhecer as “muitas formas nas quais Cristo se faz hoje presente” na vida, referiu o reitor aludindo aos inúmeros profissionais que neste período de tensão internacional dão o melhor

de si para salvarem vidas humanas: “Podemos descobrir a presença de Jesus ressuscitado em tantos profissionais de saúde, em tantos cuidadores informais, em tantos voluntários que se desdobram em iniciativas para que nada falte aos mais frágeis e desfavorecidos”, disse o padre

Carlos Cabecinhas, na Eucaristia do domingo de Páscoa. Este é, de resto, o grande desafio: “descobrir os sinais da presença de Jesus Cristo vivo, ressuscitado”, em todos os que “se dedicam, de alma e coração, a ajudar as vítimas da atual pandemia e a ajudar os mais necessitados”.

Numa Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima sem peregrinos, e apenas com os ministros envolvidos nas diferentes celebrações – Missa da Ceia do Senhor, Paixão de Cristo, Vigília Pascal e Missa da Ressurreição do Senhor –, explicou a quem acompanhava a Missa de Páscoa pela transmissão on-line que cada um é convidado também a ser “presença deste mesmo Cristo vivo e ressuscitado, ‘que passou fazendo o bem’”, vencendo o egoísmo e o comodismo. “Percebemos a presença de Cristo vivo em nós quando não nos fechamos nos nossos interesses e nos abrimos aos outros com gestos concretos de amor e de entrega”, acrescentou.

“Peregrinação do coração” convida crianças a rezarem com o Santuário de Fátima no mês de Maria

Esta iniciativa estará disponível em suporte digital proporcionando um itinerário interior em cinco etapas.

Carmo Rodeia



O Santuário de Fátima no presente ano pastoral, e no contexto da Peregrinação das Crianças, vai dinamizar uma proposta pastoral para os mais novos intitulada «Peregrinação do coração: a alegria de ser santo».

No contexto das contingências resultantes da atual pandemia por COVID-19, que impedem as crianças e as suas famílias de saírem de casa, impossibilitando-as de fazerem uma peregrina-

ção física até ao Santuário de Fátima, a proposta «Peregrinação do coração» tem como objetivo sublinhar que a primeira e mais importante das peregrinações é possível ser realizada mesmo a partir de casa, pois acontece na “abertura e transformação do coração em Deus”.

Esta iniciativa visa mostrar que «a santidade ou a vida em Deus não é senão esta transformação que produz uma alegria profunda e verdadeira e assim aconteceu

com os pastorinhos de Fátima, a quem a Virgem Maria, logo na primeira Aparição, em 13 de maio, infundiu no peito uma luz intensa “na qual se viram a si mesmos em Deus”, que era essa luz, levando-os à oferta total do coração a Deus e à mudança de vida».

Indo ao encontro da celebração do centenário da primeira imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e do centenário da morte de Santa Jacinta Marto – duas efemérides que o Santuá-

rio celebra em 2020, o itinerário é proposto através de uma banda desenhada a ser completada pelas crianças, disponível em suporte digital para ser descarregada e impressa, que pretende proporcionar um itinerário interior em cinco etapas. Para complementar, semanalmente será lançado um vídeo na página www.fatima.pt.

«Pela mão de Santa Jacinta Marto e com os olhos postos na “Senhora tão bonita” resplandecente da beleza de Deus, as crianças são desafiadas a pequenas tarefas semanais que culminam com a representação do próprio coração, como oferta a Deus», explica à Voz da Fátima a Irmã Sandra Bartolomeu, da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, membro da Comissão Organizadora da Peregrinação das Crianças.

«Que esta proposta, a ser acolhida e realizada por cada criança individualmente ou em família, possa ajudar a tornar o coração de cada um mais belo, à semelhança do coração de Maria, cheio da luz de Deus», conclui.

Empenhado em despertar as crianças para a mensagem de Fátima e em dar-lhes a conhecer a vida e a espiritualidade dos Santos Francisco e Jacinta Marto, o Santuário tem promovido regularmente atividades específicas dirigidas a crianças e jovens.

A Peregrinação Nacional das Crianças é uma das mais importantes que o Santuário acolhe ao longo do ano; acontece há mais de quatro décadas e reúne, todos os anos, milhares de crianças no Santuário de Fátima. Destinada particularmente a crianças em grupos de catequese, esta peregrinação tem em cada ano um tema específico que serve de mote para a reflexão e a celebração. A Peregrinação Nacional das Crianças é precedida por uma campanha, idêntica a esta, que decorre normalmente no mês de maio.

Este ano, e devido à exceção do momento, que obriga a que a catequese seja feita em moldes diferentes, a divulgação destes materiais é feita em colaboração com o Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Assembleia diocesana do MMF do Algarve

Carmo Coelho | Secretariado do Movimento da Mensagem de Fátima da diocese do Algarve



O secretariado do Movimento da Mensagem de Fátima da diocese do Algarve realizou, no dia 22 de fevereiro, a sua Assembleia Diocesana, no salão da paróquia de São Luís, em Faro.

Participaram cerca de 60 mensageiros de várias paróquias da diocese. A Assembleia teve início às 9h00, com o acolhimento realizado pela equipa do secretariado, a recitação do rosário, orientada por um grupo de pequenos mensageiros, por jovens e pela responsável da oração.

Seguiu-se a conferência do padre Carlos Azevedo, capelão do Hospital D. Estefânia, onde faleceu a pequena Santa Jacinta. Com o intuito de assinalar os 100 anos da sua partida para junto de Nossa Senhora, refletiu sobre Santa Jacinta Marto, com uma intervenção

intitulada “Ó Jesus, é por Vosso Amor”.

O padre Carlos Azevedo, com a sua simplicidade e humildade, conseguiu, em breves instantes, cativar toda a assembleia, que não se cansava de ouvir as “suas histórias” e ensinamentos sobre a espiritualidade dos Pastorinhos.

Começou por referir que foram as virtudes reconhecidas na Jacinta e no Francisco, como a “heroicidade no sofrimento”, que fizeram deles Santos.

Centrando-se na história de vida de Santa Jacinta Marto, explicou que Jacinta, depois de adoecer, foi internada no hospital de Vila Nova de Ourém, porque “não havia dinheiro para levarem a Jacinta para Lisboa”, o que só aconteceu posteriormente porque o médico Eurico Lisboa assumiu os encargos.

Jacinta foi para Lisboa com a sua mãe e um irmão; “não conheciam ninguém”. “A Jacinta teve dificuldades que a recebessem, até que a dona do Orfanato da Estrela a acolheu, tendo sido criticada por poder contaminar as outras crianças”. Esteve no orfanato desde o dia 21 de janeiro até ao dia 2 de fevereiro, quando entrou no Hospital D. Estefânia. A pequena pastorinha teve de ser dada como órfã, dando entrada no hospital com o nome de Jacinta de Jesus. Entrou a 2 de fevereiro e a mãe só esteve com ela até ao dia 5; teve depois de ir tomar conta dos outros filhos. Jacinta ficou sozinha e morreu a 20 de fevereiro de 1920. “No dia 19 fevereiro, a sua mãe recebeu a notícia de que Jacinta tinha piorado”, mas quando chegou ao hospital para a ver ela já tinha

falecido.

O padre Carlos Azevedo a todos tocou no coração, emocionando os presentes. Jacinta com apenas 9 anos foi “operada acordada” acabando por falecer 10 dias depois, vítima da chamada gripe espanhola, a epidemia de 1920, também conhecida como “pneumónica”. O médico que operou Jacinta ficou espantado e comentou com uma enfermeira que a menina não tinha “nem esperneado nem chorado”; pronunciara apenas a frase “Meu bom Jesus, minha Nossa Senhora”.

O padre Carlos Azevedo lembrou que “Santa Jacinta várias vezes ali se encontrou com Nossa Senhora em aparições”; é por isso que “o Hospital D. Estefânia é também um santuário”. “São muitos os peregrinos que vão a Lisboa fazer o itinerário de Santa Jacinta que tem como um dos principais locais o hospital da rainha D. Estefânia”, referiu, acrescentando que o “itinerário espiritual” inclui a Basílica da Estrela, “onde Jacinta foi à missa”, o Convento das irmãs Clarissas, onde “o quartinho está intacto com os objetos inclusivamente que Jacinta tocou”, e a igreja dos Anjos, onde existe “uma evocação a Santa Jacinta pelo tempo que

ela lá esteve em velório”. O sacerdote referiu que “os cristãos de Lisboa se uniram e fizeram uma subscrição pública para arranjar dinheiro” para que o corpo de Jacinta seguisse de comboio para Fátima. “O cortejo, desde a igreja até à estação do Rossio, foi sempre acompanhado por muitas pessoas”. “O corpo de Jacinta chegou a Fátima já bastante tarde e ficou no jazigo do barão de Alvaizere onde era para passar a noite”; a verdade é que ficou lá 15 anos”.

“Pode dizer-se que Jacinta, mesmo depois de ter falecido, tem também um papel importantíssimo na divulgação de tudo aquilo que a mensagem de Fátima e Nossa Senhora nos quiseram dizer”.

Foram muitos mais os ensinamentos, essenciais para a aprendizagem e crescimento dos mensageiros, que o padre Carlos Azevedo partilhou. Estamos convictos de que este singelo contributo inflamou os corações dos nossos mensageiros, permitindo-lhes divulgar melhor a mensagem de Fátima e o carisma de Santa Jacinta Marto.

Após a conclusão da palestra, seguiu-se a Eucaristia presidida pelo padre Carlos Azevedo, sendo a sua homilia centrada na espiritualidade dos pastorinhos.

O coração de Cristo Redentor - Um fogo que incendeia outros corações

Pe. Dário Pedroso

A Escritura afirma que o amor é como um fogo que arde e se consome em amor, em dom, em entrega. E o poeta afirma que é fogo que arde sem se ver, pois no nosso interior é divina labareda, como a que Jesus trazia dentro de Si e só queria que esse fogo ateasse outros fogos, que esse amor vivo e atuante incendiava outros corações, todos os corações. No Coração de Jesus encontramos esse Amor, divino e humano, sempre em fogo. No Coração aberto na cruz, donde jorra sangue e água, encontramos o símbolo mais maravilhoso do Amor. Neste Tempo Pascal, continuamos a contemplar o Ressuscitado, de Coração Aberto, a convidar São Tomé a entrar em seu Coração. Neste tempo difícil que vivemos, com Maria, a Mãe do Coração Imaculado, temos de colocar o mundo no Coração de Cristo.

Já na sarça-ardente que apareceu a Moisés, nesse fogo estranho que simbolizava o divino, Deus Se revelou como fogo que ardia sem se consumir. E a imagem do fogo atravessa a Escritura aparecendo muitas vezes, como símbolo de Deus, símbolo do Espírito Santo, como nas línguas de fogo do Pentecostes, símbolo do amor que arde, que queima, que consola,

que incendeia, que fazia o coração dos discípulos de Emaús arder como fogo, enquanto Jesus lhes falava pelo caminho.

Esse fogo, símbolo do amor que Deus é, do amor com que Deus nos ama, está simbolizado num coração em chama ardente. A ladainha do Coração de Jesus, chama-lhe “fornalha ardente de caridade e de amor”. Teilhard de Chardin, cientista, teólogo e místico, escreveu que, ao olhar para o lado trespassado de Jesus já não via só uma fornalha ardente, mas um braseiro que incendiava todo o mundo. E ao jeito de prece mística rezou assim: “Fecha-me, Senhor, nas profundezas das entranhas do vosso Coração. Quando aí me tiverdes, incendiai-me, purificai-me, abrasai-me, sublimai-me, até à perfeita satisfação do vosso gosto, até à mais completa aniquilação de mim mesmo...”. O padre Teilhard diz mesmo que em Jesus, à força de fixar esse braseiro ardente, mais lhe parecia que os contornos em redor do Coração de Cristo se fundem, que se alargam para além de tudo, “até que não distingue em Cristo mais do que a figura de um Mundo em chamas...”. Da fonte do amor, que é o próprio Coração do Verbo Encarnado, do Filho que nos reve-

lou que o Pai é Amor, brota esse fogo que incendeia o mundo, que quer que este mundo tão cheio de ódios, de crimes, de guerras, de injustiças, de profanações, de mal, seja cada vez mais transformado pelo fogo divino do Coração do Redentor. Um mundo em chamas de amor, um mundo incendiado pelo amor louco de Deus, pelo amor apaixonado do Coração de Cristo.

Mas esse mundo em chamas, em amor que abrasa e incendeia, passa pelo fogo de cada coração. Um fogo que ateia outros fogos, o Coração de Cristo que incendeia todos os corações. Labaredas divinas do amor que veio da Trindade e que quer incendiar mais e mais cada coração humano. Transformar o ódio em amor, o egoísmo em dom, o orgulho em humildade, a tibieza em fervor, a frieza em fogo que queima, as trevas em fogo luminoso, a escravidão em liberdade, os apegos desordenados em paixões ardorosas por Jesus e pela Humanidade. Precisamos de pedir que esse fogo divino incendeie o nosso coração, o faça fogo em labareda de amor, para sermos não só testemunhas desse Coração de Cristo e desse amor como instrumentos de que Deus-Amor se serve para transformar o mun-

do, as famílias, as comunidades, as paróquias, as vidas dos homens e das mulheres do nosso tempo.

Esse fogo que arde sem se ver, esse fogo que é símbolo de um amor ardente, apaixonado, divino, vai tomando conta de nós, da nossa vida, do nosso interior, do nosso coração e irá incendiando outros corações, vai transformando a sociedade, vai fazendo com que o mundo seja mais justo, mais fraterno, mais pacífico, com menos fome, menos ódio, menos desemprego, menos injustiça, menos violência doméstica, menos exploração dos pobres, dos fracos, dos marginais, dos que não têm casa, cultura, pão, Deus. Que maravilhoso espetáculo, milhões de corações incendiados e a incendiar outros no amor divino! Que maravilha, que graça, que encanto divino, um amor sempre a arder e a atear cada vez mais corações! Peçamos como o padre Teilhard de Chardin: “Fecha-me, Senhor, nas profundezas das entranhas do vosso Coração”. Incendeia-me no fogo do teu divino amor, abrasa o meu coração no teu fogo que arde sem se ver, que purifica as impurezas do meu coração, que me há de abrasar até ao rubro do amor divino, que me tornará um cristão cada vez mais sublimado pelo

fogo do amor. E depois irei mundo fora, como Tu, Senhor, incendiar vidas e corações, nesse fogo divino do teu amor. O mundo não pode morrer de frio, gelado e congelado pela frieza do ódio, da vingança, da agressividade, da violência, do poder despota, da exploração criminosa de menores, do desprezo dos idosos e dos pobres, do crime que mata, das guerras que ceifam vidas humanas, da destruição do belo, do que é bom e justo. Que o teu amor no coração de cada cristão incendeie o mundo do fogo divino. Que o teu amor que brotou do teu lado aberto na Cruz e nos revelou a loucura do amor do Pai faça da tua Igreja uma Esposa que ama sempre mais, com amor casto e fecundo, sendo imagem viva, testemunho eloquente do teu amor.

Com Maria, a Mãe do Coração Imaculado, coloquemos no Coração do Redentor, a Quem a nossa Santa Jacinta Marto tanto amava, todos os que sofrem por causa da pandemia, todos os que faleceram vítimas do vírus e suas famílias, todos os que passam por situações difíceis e dolorosas, quer a nível familiar, quer a nível económico, quer a nível do desemprego, todos entregues ao Coração que nos ama de um modo infinito.

Convidados a escutar a Senhora da Mensagem

Papa S. João Paulo II

Pe. Manuel Antunes

Antes de mais, recordamos que os nossos bispos portugueses instituíram o Movimento da Mensagem de Fátima com o objetivo de conhecerem melhor a mensagem de Fátima, de a testemunharem na vida e de a levarem às paróquias e às famílias.

As pessoas que foram admitidas conforme os Estatutos do Movimento são chamadas “mensageiros/as”.

Em 1916 Deus escolheu três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta, para acolherem as mensagens do Anjo da Paz e de Nossa Senhora. As três crianças desempenharam muito bem a sua missão até ao dia em que Nossa Senhora as levou para o Céu. Os mensageiros de agora são os continuadores desta missão.

Esta foi a intenção dos nossos bispos que em 1934 instituíram a Pia União dos Cruzados de Fátima e em 1983 a transformaram em Movimento Apostólico com uma estrutura a nível nacional, diocesano e paroquial, também por eles aprovada. Tem a sua sede no Santuário de Fátima, conforme os Estatutos.

As pessoas que desejarem ser mensageiras podem dirigir-se à sua paróquia, se nela houver secretariado da mensagem, ou ao seu secretariado diocesano.

A mensagem de Fátima tornou-se mais viva com a vinda do Papa S. Paulo VI a Fátima em 1967 e, mais ainda, com a vinda de S. João Paulo II após o atentado de que foi vítima em 13 de maio de 1981, na Praça de S. pedro, em

Roma.

Ao chegar à Capelinha no dia 12 de maio de 1982, após a saudação a Nossa Senhora, dirigindo-se aos peregrinos exclamou: “Gratidão, Caminho, Vida. Nestas três palavras está a explicação da minha presença aqui neste dia e, se me permitis, também da nossa presença. Aqui atinjo o ponto culminante da minha viagem a Portugal. Quero fazer-vos uma confidência: Desde há muito que eu tencionava vir a Fátima, mas desde que sucedeu o conhecido atentado na Praça de S. Pedro, há um ano, o meu pensamento voltou-se imediatamente para este Santuário de Fátima para depor no Coração da Mãe este meu agradecimento por me ter salvo do perigo. Aqui estou convosco, peregrino entre peregrinos. Venho aqui com o terço nas mãos, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia de Deus no coração”.

A sua homilia do dia 13 é um dos melhores documentos sobre a mensagem de Fátima, a sua autenticidade e atualidade. Diz: “Assim, se a Igreja aceitou a mensagem de Fátima, é sobretudo porque esta mensagem, contém uma verdade e um chamamento que, no seu conteúdo fundamental, são a verdade e o chamamento do próprio Evangelho. Converti-vos (fazei penitência) e acreditai na Boa Nova (Mc 1,15): são estas as primeiras palavras do Messias dirigidas à humanidade. E a mensagem de Fátima, no seu núcleo fundamental, é o chamamento à conversão e à pe-



nitência como no Evangelho. [...] A Senhora da Mensagem parecia ler, com uma perspicácia especial, os ‘sinais dos tempos’, os sinais do nosso tempo. O apelo à penitência é um apelo maternal; e, ao mesmo tempo, é enérgico e feito com decisão”.

O Papa, ao refletir na mensagem de Fátima, encontrou com frequência o apelo à conversão, particularmente na terceira aparição em 13 de julho de 1917. Foi nessa aparição que Nossa Senhora revelou um segredo aos Pastorzinhos com a obrigação de o não revelarem.

O Papa S. João Paulo II, em 13 de maio de 2000, deu a conhecer ao mundo a terceira parte desse se-

gredo: os Pastorzinhos viram uma montanha revestida de cadáveres onde estava um Papa vestido de branco e, no topo dessa montanha, havia uma cruz onde estava um Anjo com uma bilha que continha o sangue dos mártires, e apelava ao mundo dizendo “Penitência, Penitência, Penitência”, isto é: Converti-vos, Converti-vos, Converti-vos.

E Nossa Senhora, na aparição de 13 de outubro de 1917 repetiu o mesmo apelo: “É preciso que se emendem, peçam perdão dos seus pecados e não ofendam mais a Deus que já está muito ofendido”.

Há quem considere que pecadores são os que andam longe de Deus. Pecadores somos também nós. Basta refletirmos na vida que levamos e encontraremos alguma coisa de menos bom. Na segunda parte da Ave-Maria, rezamos: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores.

A mensagem de Fátima começou com a primeira aparição do Anjo da Paz na Loca do Cabeço. O Anjo rezou com os Pastorzinhos Lúcia, Francisco e Jacinta esta oração: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”. O Anjo, nesta oração proclama a existência de Deus e o seu primado na vida da pessoa, da família e da sociedade.

O ateísmo programado tem procurado negar a existência de Deus. Muitas pessoas, famílias e nações comportam-se como se Ele não

existisse. A moral humana e espiritual desapareceu e deu lugar ao permissivismo. O Papa S. João Paulo II ao fazer a consagração ao Imaculado Coração de Maria, em 1982, rezou: “Do calcar aos pés os mandamentos de Deus, livrai-nos! Da falta de respeito pela vida humana desde a concepção, livrai-nos!”.

Se o Papa nos convida a lermos os sinais dos tempos para melhor entendermos a mensagem, verificamos que um dos sinais visíveis do nosso tempo é a negação da existência de Deus e um comportamento como se Ele não existisse, Estamos numa sociedade onde não há lugar para Deus. Parece haver um certo medo de falar d’Ele, como se fosse um estranho! Jesus, que é Deus, disse: “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Não queiramos substituir Deus por outros deuses.

A mensagem de Fátima é uma mensagem de Esperança. Começou pela proclamação da existência de Deus e terminou com as palavras GRAÇA E MISERICÓRDIA, como disse a Irmã Lúcia, vidente de Nossa Senhora.

Termino como comecei; procuremos escutar a Senhora da Mensagem que nos convida a uma vida digna e com Deus. S. Paulo exorta-nos: “Chegou a hora de despertar do sono” (Rm 13,11).

Em Fátima, em 1917, surgiu uma nova esperança, uma Senhora mais brilhante do que o sol que disse: Não tenhais medo. O Meu Coração Imaculado é o caminho para Deus que é paz e misericórdia.

“Vou morrer sozinha” Santa Jacinta Marto

Manuel Arouca | Responsável pelos Meios de Comunicação do MMF

Jesus na Cruz diz “Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste”. Jacinta, quando lhe é anunciado o calvário em Lisboa, diz “Vou morrer sozinha”. Aquele que foi concebido pelo Espírito Santo, filho de Deus, reage com o sofrimento humano. Já no Monte das Oliveiras, na sua agonia, diz “Pai afasta de mim este cálice, mas faça-se segundo a Tua vontade”. Jacinta também se entregou para fazer a vontade de Deus. E era pelo seu maior objetivo, a conversão dos pecadores. Ela, tendo a promessa do Céu, lutou pelo Céu, com toda a sua alma, até ao último suspiro. Jesus, até dizer “Entrego o meu Espírito; tudo está consumado”, também viveu a angústia da sua condição humana. Também lutou e venceu os obstáculos da dúvi-

da e do sofrimento, até se entregar nas mãos do Pai para depois ressuscitar em toda a Sua Glória e prometer o Espírito Santo que veio em Pentecostes sobre Nossa Senhora e os Apóstolos.

Jacinta era muito apegada à família. Na prisão diz como tem saudades da mãe. É Francisco que lhe lembra que o mais importante é Nossa Senhora. Quando Francisco morre, ela sente uma grande tristeza. Francisco era mais do que um irmão: era o melhor amigo, cúmplice nas Aparições do Anjo e de Nossa Senhora, a guardar segredos, durante os interrogatórios, na reza de tantos terços juntos. Tão pouco tempo de vida, tantas experiências partilhadas! Como Deus é extraordinário!

De que morreu Francisco? De

uma pandemia, fruto de uma guerra sangrenta e cruel, provocada pelo pecado dos homens, onde os cadáveres apodreciam amontoados. Segundo consta, na época, em Portugal, morreram cerca de 60 mil pessoas com o vírus. Uma razia.



Jacinta sofria da mesma infeção; sofria como tantos estão a sofrer nestes tempos. Jacinta tinha a promessa do Céu. Por ela, por vivermos tempos tão idênticos, também nós temos essa promessa, se confiarmos, se não tivermos medo. Mas as dúvidas e angústias do coração nunca as vamos deixar de ter, como Jacinta não as deixou de ter. Dúvidas essas que foram potenciadas com a morte do irmão. Ela sentia como a família sofria. Com a partida dela ainda ia sofrer mais. E lutou pela vida até às últimas consequências. Mais um recado para termos precaução.

Veio para Lisboa, para uma cirurgia dolorosa; foi recusada em várias casas e acabou por ser acolhida num orfanato – o percurso de provação das grandes

personagens de Deus. A mãe e o irmão que a acompanhavam tiveram de voltar para casa – havia mais duas irmãs doentes –; a profecia de que ia morrer sozinha.

Entregou o seu tremendo sofrimento a todos nós, que somos pecadores, a todos os que sofrem do vírus dos nossos tempos. Teve esse tão humano e tão lindo desabafo: “vou morrer sozinha”. E Lúcia disse-lhe que morreria sempre na companhia de Nossa Senhora. E foi Nossa Senhora que a veio buscar para a levar ao Filho.

E ela dá continuidade a essa Luz. Deixemo-nos iluminar por essa Luz. Porque não tenhamos dúvidas de que a Jacinta reza por nós, sobretudo pelos que mais sofrem no corpo e na alma.

Santuário disponibiliza visitas virtuais a exposições temporárias

Informações estão disponíveis nas sete línguas oficiais e permitem fazer o percurso através dos diferentes núcleos expositivos.

Carmo Rodeia

O Santuário de Fátima disponibiliza visitas virtuais a cinco exposições temporárias.

Marco Daniel Duarte, diretor do Museu do Santuário de Fátima, explica que esta iniciativa, implementada já há uns anos, e que abrange quase todas as exposições apresentadas desde 2010, tem sobretudo dois objetivos: tornar a exposição acessível a pessoas que, por algum impedimento – muitas vezes o

de residirem fora de Portugal –, não possam deslocar-se ao Santuário de Fátima e perpetuar as informações que uma visita deste tipo reúne, uma vez que, sendo efêmera, dificilmente podem voltar a juntar-se aquelas obras de arte e documentos históricos num mesmo espaço e com aquele específico discurso museológico.

As visitas estão disponíveis nas sete línguas oficiais do San-

tuário de Fátima e têm vários menus que permitem fazer o seu percurso através dos diferentes núcleos expositivos, dando ainda a possibilidade de abrir fotografias de cada um dos objetos e das respetivas legendas. Estas visitas podem ser feitas ouvindo o mesmo tema musical que os visitantes ouviram quando as exposições estiveram abertas ao público, tema que foi inspirado na temática de cada uma das ex-

posições.

“Nalguns momentos, estas exposições podem mesmo vir a proporcionar formas de acesso às peças que, *in loco*, não seria possível, visionando alguns pormenores através das imagens disponíveis”, refere ainda o responsável.

O micro-site de cada uma das exposições, para além das informações técnicas relativas a cada mostra, disponibiliza

ainda uma galeria com as imagens de cada um dos objetos expostos.

“Quando as visitas virtuais foram lançadas, não imaginávamos que poderíamos vir a ser um instrumento ainda mais útil, como agora se verifica, em tempos de pandemia, para todos os que se vêm impedidos de vir ao Santuário de Fátima”, afirma Marco Daniel Duarte, em declarações à *Voz da Fátima*.

2012/13

Ser, o segredo do Coração

Foi a exposição temporária evocativa da aparição de junho de 1917. Esteve patente ao público entre 24 de novembro de 2012 e 31 de outubro de 2013. Acolheu 233 856 visitantes. De forma virtual, este espaço museológico já foi visitado 10 720 vezes.



2013/14

Segredo e revelação

Esteve aberta de 30 de novembro de 2013 a 31 de outubro de 2014 e foi a exposição temporária evocativa da aparição de julho de 1917. Esta exposição foi visitada por 227 921 pessoas. Virtualmente já recebeu 86 643 visitas.



2014/15

Neste vale de lágrimas

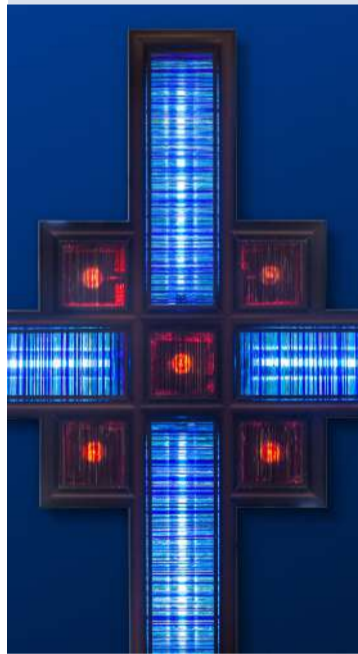
Foi a exposição temporária evocativa da aparição de agosto de 1917 e esteve patente ao público de 29 de novembro de 2014 a 31 de outubro de 2015, tendo sido visitada por 315 378 pessoas. Neste vale de lágrimas registou 3591 visitas virtuais.



2015/16

Terra e Céu: peregrinos e santos de Fátima

Esteve aberta ao público entre 28 de novembro de 2015 e 31 de outubro de 2016. Já visitaram virtualmente esta exposição 3 272 pessoas. Terra e Céu: peregrinos e santos de Fátima, enquanto esteve aberta ao público acolheu 257 963 visitantes.



2016/18

As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo

Foi a exposição temporária evocativa da aparição de outubro de 1917, patente desde 26 de novembro de 2016 a 31 de outubro de 2018, no período mais intenso da celebração do Centenário das Aparições de Fátima. Esta exposição foi a mais ambiciosa que o Santuário de Fátima já promoveu e contou com peças cedidas, em regime de empréstimo, por colecionadores particulares e por instituições eclesiais e do mundo civil. As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo foi visitada por 493 484 pessoas. De forma virtual foram 6 004 os visitantes.



2018/19

Capela-Múndi

A exposição temporária comemorativa do centenário da construção da Capelinha das Aparições, decorreu de 1 de dezembro de 2018 a 15 de outubro de 2019. A exposição sobre a Capelinha das Aparições, Capela-Múndi, ainda não tem visita virtual, mas foi objeto de catálogo editado na Coleção Arte e Património com o n.º 3 desta coleção. Enquanto esteve aberta ao público, acolheu 304 910 visitantes.



2018/19

Vestida de Branco

Atualmente o Santuário de Fátima promove a exposição Vestida de Branco, exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima, que, por circunstâncias da pandemia por COVID-19, está encerrada. No entanto, desde a sua inauguração, no fim de novembro de 2019, até ao dia 08 de março, já tinham passado pela exposição 56 815 visitantes.

FÁTIMA e os PAPAS



O Segredo de Fátima e os Papas

O Segredo de Fátima é tido como núcleo fundamental da mensagem de Fátima e refere-se às visões e palavras testemunhadas pelos Pastorinhos na aparição de Nossa Senhora a 13 de julho de 1917, sobre as quais lhes pediu reserva, indicando que não fossem transmitidas a ninguém.

Carmo Rodeia | Este texto foi redigido a partir da Enciclopédia de Fátima e da Revista Fátima XXI, 1 (maio 2014).



“Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo”, foi a instrução dada, segundo Lúcia. Recorde-se que os três Pastorinhos percecionavam o conteúdo das Aparições de maneira diferente: apenas Lúcia interagia, vendo, ouvindo e falando; Jacinta via e ouvia, mas não falava, enquanto Francisco apenas via. Daí a autorização para que se contasse a Francisco. E o Segredo foi guardado, apesar das numerosas pressões e ameaças, como quem guarda com o coração a própria vida.

Lúcia acedeu a escrever sobre as Aparições, mas manteve reservado o conteúdo do Segredo, só o passando ao papel depois de ter recebido autorização “do Céu”, na sua expressão, o que aconteceu na década de 40.

As duas primeiras partes (a visão do Inferno e a devoção ao Imaculado Coração de Maria) foram dadas a conhecer em 1941; a terceira (a visão da Igreja peregrina e mártir e da cidade em ruínas), redigida em 1944, permaneceu sob reserva e foi revelada publicamente em Fátima no ano 2000.

A terceira parte do Segredo inclui a referência a uma acção

contra a figura do Papa, tendo João Paulo II ligado essa revelação ao atentado de que foi alvo a 13 de maio de 1981, em Roma, e ao qual sobreviveu por “uma mão materna” ter desviado a trajetória da bala.

Em conversa em abril de 2000 no Carmelo de Coimbra com o cardeal Tarcisio Bertone, então secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, a Irmã Lúcia concordou que a terceira parte do Segredo consistia numa visão profética, sobretudo sobre a luta do Comunismo ateu contra a Igreja e os cristãos, na qual se descreve o sofrimento das vítimas da fé no século XX.

“É uma Via-sacra sem fim, guiada pelos Papas do século vinte”, sublinha o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano, ao anunciar em Fátima a terceira parte do Segredo, em 13 de maio de 2000.

Angelo Sodano aludiu ao atentado de 1981 e “à mão materna que permitiu que o papa agonizante se detivesse no limiar da morte”.

O facto de se tratar de um “segredo” alimentou durante gerações a ideia de que o conteúdo das revelações, sobretudo a

terceira parte, conhecida apenas 83 anos depois das aparições, se referia a algo relacionado com o fim do mundo, por entre mitos de que os Papas teriam querido manter o documento em segredo por causa das suas “terríveis revelações”.

Nada mais afastado da realidade, como escreveu o então cardeal Joseph Ratzinger, na altura prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e hoje Papa emérito Bento XVI, no Comentário Teológico que fez ao Segredo de Fátima: “Quem estava à espera de impressionantes revelações apocalípticas sobre o fim do mundo ou sobre o futuro desenrolar da história deve ficar desiludido. Fátima não oferece tais satisfações à nossa curiosidade, como, aliás, a fé cristã em geral, que não pretende nem pode ser alimento para a nossa curiosidade”.

E, prossegue: “O que permanece – dissemo-lo logo ao início das nossas reflexões sobre o texto do ‘Segredo’ – é a exortação à oração como caminho para a salvação das almas e no mesmo sentido o apelo à penitência e à conversão”.

No Comentário Teológico, o

então cardeal Joseph Ratzinger sublinhou que a palavra-chave desta terceira parte do Segredo é o tríplice grito do anjo com a espada de fogo na mão esquerda: “Penitência, penitência, penitência!”.

Ou seja, o apelo ao arrependimento e à conversão, na certeza de que o bem triunfará sobre o mal, como escreveu: “a visão da terceira parte do ‘segredo’, tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: nenhum sofrimento é vão e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus”.

“Do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renovamento, porque é a atualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica”, assinala.

Por isso, recorda a promessa deixada por Cristo no Evangelho de João: “No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo” (Jo 16,33).

“A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa”, conclui.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



No Domingo de Páscoa, dando a Bênção à cidade e ao mundo, o Papa Francisco, ao recordar os conflitos em curso por todo o planeta, referiu-se a um povo que fala português e que tem sofrido na carne a evidência de que a guerra e a perseguição religiosa muito frequentemente andam ligadas. Disse o Papa: “Que o Senhor da vida se mostre próximo às populações da Ásia e da África que estão atravessando graves crises humanitárias, como na Região de Cabo Delgado, no norte de Moçambique.”

De facto, nesta região da diocese de Pemba, extremistas que se reclamam islâmicos matam, destroem imagens e queimam Igrejas. No entanto, esta é uma realidade recente, até surpreendente. Conta o padre Horácio Simbine, moçambicano que veio na Quaresma para colaborar no serviço da pastoral da reconciliação do Santuário e ficou retido pela pandemia: “Convivemos bem desde sempre com os muçulmanos, não havia problemas. Há católicos, inclusive consagrados e sacerdotes, nascidos em famílias muçulmanas, sem que isso suscitasse conflitualidade”. É o primeiro país de língua portuguesa em que tal acontece com este grau de violência. Dom Luiz Fernando Lisboa, o Bispo de Pemba, ao agradecer ao Papa a sua referência pascal, afirmou: “Temos sofrido há três anos, sem saber porque estamos sendo atacados. Há três anos tudo mudou em nossa vida. Choramos de dor e tristeza. Vivemos fugindo sem saber para onde”.

Os que encontramos no coração da mensagem de Fátima o apelo à oração pela paz no mundo e a profecia sobre a perseguição à Igreja rezamos por Cabo Delgado, o seu bispo e as suas gentes, na dor e tristeza que os faz chorar, atacados sem saberem porquê.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

JACINTA

O dom de si em tempo de pandemia

Irmã Ângela Coelho, ASM

“O nosso mundo está doente. Não me refiro apenas à pandemia de coronavírus, mas ao estado da nossa civilização, que esse fenómeno global revela. Em termos bíblicos, é ‘um sinal dos tempos’”. Começava desta forma um artigo que Tomás Halík escreveu, refletindo sobre este tempo único que vivemos. Como qualquer sinal dos tempos exige o nosso paciente e laborioso trabalho de compreensão, de escutar com o coração os sinais do Espírito de Deus presente e atuante na História. É-nos pedido o discernimento para evitarmos leituras apressadas e é-nos pedido um coração confiante no Senhor,

“... Ela também viveu uma pandemia semelhante à nossa e que, precisamente há cem anos experimentou as penosas circunstâncias que hoje vivemos.”

sabendo que “tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8,28). É-nos pedida a humildade de quem, ainda com as mãos vazias, não entende nada, ou quase nada, do que se está a passar, mas continua a viver na paz e na serenidade, porque sabe em quem pôs a sua confiança (cf. 2 Tm 1,12). Mas, porquê sendo este um artigo sobre a Jacinta, estou a falar desta pandemia? Parece-me desnecessário repetir que ela também viveu uma pandemia semelhante à nossa e que, precisamente há cem anos, experimentou as penosas circunstâncias que hoje vivemos. Ainda que as respostas às questões que angustiam o nosso coração possam não ser claras, a vida desta menina pode ser uma luz a iluminar os nossos passos no labirinto de emoções, de angústias e de medo, por onde caminha o nosso coração e a nossa mente, em dias de isolamento.

Em épocas de medo não é necessário entender imediatamente tudo, as causas do que se passa, as razões científicas

ou teológicas que explicam a situação que provoca a angústia e insegurança deste tempo. Por vezes, como uma criança no escuro, basta o rosto sereno da mãe, para tudo voltar a ficar em segurança. Ainda que ela não entenda os mecanismos científicos das trevas!

A Jacinta entende a nossa solidão

A Jacinta pode ser este rosto sereno junto de nós, hoje. Ela conhece o desamparo por não podermos visitar os nossos doentes ou por não podermos ser visitados por familiares e amigos, ela sabe da dor de perder um irmão nestas circunstâncias. Ela sabe da falta de ar, da dor no peito, da fraqueza extrema de quem tem febre. A Jacinta entende a nossa solidão e a solidão dos que, no hospital, aguardam pelo escrever do seu futuro, na incerteza do capítulo seguinte. E ela conhece a solitária morte, apenas com a presença da Senhora do Coração Imaculado. A Jacinta sabe do que estamos a falar quando falamos das dores desta hora.

O que nos diria a Jacinta, esta menina tão discreta relativamente à sua dor? Sim, sabemos como ela se esforçava para que ninguém soubesse o quanto sofria, quais os sacrifícios que fazia, a renúncia que significava não ir visitar o Francisco no seu leito de doença, o quanto lhe custou ir para Lisboa sem a sua Lúcia.

Creio que a Jacinta nos falaria

“Olhando para a Jacinta somos convidados a cuidar dos outros. Mesmo quando nos sentimos impotentes...”

de Jesus, que estava triste e que ela apenas queria consolar. Falar-nos-ia do Coração de Maria, coberto de espinhos, e que ela tanto queria reparar. Dir-nos-ia do sofrimento do Santo Padre a quem ela desejava amparar com a sua oração e os seus sacrifícios. Enfim, segredar-nos-ia o

amor maior do seu coração, os pecadores, ou melhor, os pobres pecadores, que ela ansiava tocar com a entrega de si. Contaria tudo o que amou, mas não nos falaria da sua dor. Porque pensava pouco em si. Tinha habituado o seu coração à compaixão. Tinha educado o seu coração para “fazer como Nosso Senhor”. Aprendeu com Ele o dom de si. E nem “a tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo...” (Rm 8,35) a farão deter-se ou colocar limites a esta entrega, porque como diria Christian Bobin: “o que a atormenta não é nada comparado com aquilo que a espera”.

Olhando para a Jacinta e para o modo como viveu uma situação idêntica à nossa, vemos as palavras de Paulo escritas a fogo e sangue no seu corpo ferido na direção do coração, e na sua alma feliz por sofrer por amor: “Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; confundidos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados. Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo” (2 Cor 4,8-10).

Olhando para a Jacinta somos convidados a cuidar dos outros. Mesmo quando nos sentimos impotentes, mesmo quando o nosso lento martírio é o de não podermos fazer nada por aqueles que amamos. Porque é sempre possível cuidar pela oração e pela entrega em sacrifício, procurando contagiar de esperança os que começam a desanimar, a esperança que só nos é possível, mesmo em tempos de pandemia, porque o Senhor Ressuscitado está connosco. A Jacinta sabia disto e é disto que ela nos fala, nesta hora da história que é a nossa: “Aquele Senhora disse que o Seu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. Não gostas tanto? Eu gosto tanto do Seu Coração! É tão bom!”.

**Este texto foi publicado na página on-line da Fundação Francisco e Jacinta Marto, da qual a Irmã Ângela de Fátima Coelho é a presidente.*



AGENDA

maio

16 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO
21 qui	ROGAÇÕES MISSA PELA SANTIFICAÇÃO DO TRABALHO Fátima na luz da Páscoa (Itinerário de espiritualidade)
23 sáb	MISSA VOTIVA DA VIRGEM MARIA FONTE DA LUZ E DA VIDA
23 sáb	MISSA VOTIVA DA VIRGEM MARIA FONTE DA LUZ E DA VIDA
24 dom	ASCENSÃO DO SENHOR
29 sex	S. PAULO VI, PAPA
31 dom	DOMINGO DE PENTECOSTES

junho

6 sáb	MISSA VOTIVA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA
7 dom	SANTÍSSIMA TRINDADE
11 qui	SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE S. FRANCISCO MARTO